



Instituto Politécnico
de Castelo Branco

Instituto Politécnico de Castelo Branco

Cabral, João Paulo Moreira

**Parâmetros reprodutivos de ovelhas da raça
Merino da Beira Baixa sincronizadas e sujeitas a
inseminação artificial ou monta natural**

<https://minerva.ipcb.pt/handle/123456789/1088>

Metadados

Data de Publicação	1998
Resumo	Este trabalho de fim de curso, foi realizado na Estação de Ovinicultura do Ribeiro de Freixo durante o ano de 1997. Neste estudo pretende-se estudar a utilização potencial da inseminação artificial em alternativa à monta natural, bem como a avaliação da dose ideal de PMSG a utilizar, em ovelhas Merino da Beira Baixa. Foram constituídos 4 grupos de estudo, com 23, 24, 24 e 24 animais, correspondentes ao grupo 1, 2, 3 e 4. Ao grupo 1 (G1) e grupo 3 (G3) aplicaram-se esponjas impregnadas com 40 ...
Tipo	report
Revisão de Pares	Não
Coleções	ESACB - Engenharia de Produção Animal

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-17T23:06:33Z com
informação proveniente do Repositório



ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

**PARÂMETROS REPRODUTIVOS DE OVELHAS DA
RAÇA MERINO DA BEIRA BAIXA SINCRONIZADAS
E SUJEITAS A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL
OU MONTA NATURAL**

Engenharia de Produção Animal
Relatório do Trabalho de Fim de Curso

João Paulo Moreira Cabral



CASTELO BRANCO

1998

ÍNDICE GERAL

I. INTRODUÇÃO	2
II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	4
1. APARELHO GENITAL MASCULINO	4
2. ESPERMATOGÉNESE.....	5
2.1. BREVE DESCRIÇÃO DA ESPERMATOGÉNESE.....	6
2.2. FACTORES QUE AFECTAM A FUNÇÃO ESPERMATOGÉNICA	7
3. RECOLHA E PROCESSAMENTO DO ESPERMA	9
3.1. RECOLHA DE ESPERMA	9
3.1.1. Vagina Artificial.....	9
3.1.2. Electroejaculação.....	11
3.2. AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO ESPERMA.....	12
3.3. DILUIÇÃO DO ESPERMA	13
3.4. CONSERVAÇÃO DO ESPERMA.....	14
3.4.1. Esperma Refrigerado	15
3.4.2. Esperma Congelado	15
4. APARELHO GENITAL FEMININO	16
4.1. OVÁRIOS	16
4.2. OVIDUCTOS	16
4.3. ÚTERO.....	16
4.4. APARELHO COPULADOR	17
5. CICLO ÉSTRICO.....	17
5.1. FASES DO CICLO ÉSTRICO.....	18
5.1.1. Fase Folicular.....	18
5.1.2. Fase Lútea	19
5.2. REGULAÇÃO NEURO-HORMONAL.....	20
5.3. MODIFICAÇÕES CÍCLICAS DO TRACTO GENITAL FEMININO DURANTE O CICLO ÉSTRICO	21

6. TÉCNICAS DE INDUÇÃO E SINCRONIZAÇÃO DE CIOS.....	22
6.1. TÉCNICAS NÃO HORMONAIS DE SINCRONIZAÇÃO DE CIOS	23
6.1.1. Efeito Macho	23
6.1.2. “Flushing”	24
6.1.3. Manipulação do Fotoperíodo	25
6.2. TÉCNICAS HORMONAIS DE SINCRONIZAÇÃO DE CIOS	26
6.2.1. Utilização de Melatonina.....	26
6.2.2. Utilização de Prostaglandinas.....	28
6.2.3. Utilização de Progesterona e Progestagéneos.....	29
6.2.3.1. Função e modo de Actuação	29
6.2.3.2. Formas de Administração	30
6.2.4. Utilização de PMSG Associada a Progestagéneos	32
6.3. VANTAGENS NA INDUÇÃO E SINCRONIZAÇÃO DE CIOS	33
6.4. INCONVENIENTES DA INDUÇÃO E SINCRONIZAÇÃO DE CIOS	34
7. MÉTODOS REPRODUTIVOS.....	34
7.1. SISTEMA TRADICIONAL.....	34
7.2. MONTA CONTROLADA.....	35
7.2.1. Em Lotes	35
7.2.2. Cobrição à Mão	36
7.3. INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL.....	36
7.3.1. Vantagens da Inseminação Artificial.....	37
7.3.3.1.Aspectos Genéticos.....	37
7.3.3.2. Aspectos Zootécnicos - Produtivos	37
7.3.1.3.Aspectos Sanitários.....	38
7.3.2. Desvantagens da Inseminação Artificial.....	38
7.3.3. Métodos de Inseminação Artificial	39
7.3.3.1. Inseminação Vaginal	39
7.3.3.2. Inseminação Cervical.....	40
7.3.3.3 - Inseminação Intra-uterina.....	41
7.3.4. Momento Ideal para a Inseminação Artificial.....	42

8. RAÇA MERINO DA BEIRA BAIXA.....	43
8.1. ORIGEM.....	43
8.2. EVOLUÇÃO	44
8.3. CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS.....	44
8.4. APTIDÃO.....	45
8.5. PARÂMETROS REPRODUTIVOS	45
8.5.1. Taxa de Fertilidade Aparente	45
8.5.2. Taxa de Prolificidade	45
8.5.3. Taxa de Fecundidade	46
8.5.4. Taxa de Mortalidade	46
8.5.4.1. Taxa de Mortalidade ao Parto	46
8.5.4.2. Taxa de Mortalidade até ao Desmame	46
8.5.4.3. Taxa de Mortalidade Total	46
8.5.5. Produtividade Numérica.....	46
8.5.6. Produtividade Ponderal.....	47
8.5.7. Percentagem de Partos Simples e Duplos e de Borregos de Partos Simples e Duplos.....	47
8.6. PARÂMETROS PRODUTIVOS	47
8.6.1. Produção de Leite.....	47
8.6.2. Produção de Carne.....	48
8.6.3. Produção de Lãs	48
III. MATERIAL E MÉTODOS.....	50
1. LOCALIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO.....	50
2. CARACTERIZAÇÃO EDAFOCLIMÁTICA	50
2.1. SOLOS.....	50
2.2. CLIMA	51
2.2.1. Temperatura	52

2.2.2. Precipitação	52
2.2.2.1. Diagrama Ombrotérmico	52
2.2.2.2. Balanço Hídrico	53
2.2.3. Classificação de Thournthwaite	54
3. ANIMAIS UTILIZADOS	54
3.1. GRUPOS DE OVELHAS UTILIZADAS NO ENSAIO	55
3.2. MANEIO GERAL DOS OVINOS	56
3.2.1. Maneio Alimentar	56
3.2.2. Maneio Reprodutivo	56
3.2.3. Maneio higio-sanitário	56
3.3. REGISTOS EFECTUADOS	57
3.4. TÉCNICAS E MATERIAL DE INDUÇÃO E SINCRONIZAÇÃO DE CIOS COM ESPONJAS INTRAVAGINAIS	58
3.4.1. Material Utilizado	58
3.4.2. Técnicas Utilizadas	58
3.4.2.1. Introdução das Esponjas	58
3.4.2.2. Remoção das Esponjas	59
3.4.3.2. Administração de PMSG	60
3.5. MÉTODOS REPRODUTIVOS	61
3.5.1. Monta Controlada em Lotes	61
3.5.2. Inseminação Artificial	61
4. RECOLHA, PROCESSAMENTO E CONSERVAÇÃO DE ESPERMA ...	62
5. CALENDÁRIO DAS OPERAÇÕES	63
5.1. COLOCAÇÃO DAS ESPONJAS	63
5.2. TREINO DOS CARNEIROS	63
5.3. REMOÇÃO DAS ESPONJAS E ENTRADA EM CIO	63
5.4. BENEFICIAÇÃO DAS FÊMEAS	63
5.4.1. Monta Controlada em Lotes	63
5.4.2. Inseminação Artificial	64
5.5. PARTOS E PESAGEM DOS BORREGOS	64

6. MÉTODO DE CÁLCULO DOS PARÂMETROS REPRODUTIVOS E	
PRODUTIVOS	64
6.1. TAXA DE FERTILIDADE APARENTE.....	64
6.2. TAXA DE PROLIFICIDADE.....	64
6.3. TAXA DE FECUNDIDADE.....	64
6.4. TAXA DE MORTALIDADE.....	65
6.4.1. Taxa de Mortalidade ao Parto.....	65
6.4.2. Taxa de Mortalidade ao Desmame.....	65
6.4.3. Taxa de Mortalidade Total.....	65
6.5. PRODUTIVIDADE NUMÉRICA.....	65
6.6. PRODUTIVIDADE PONDERAL.....	65
6.7. PERCENTAGEM DE PARTOS SIMPLES, DUPLOS E TRIPLOS E PERCENTAGEM DE	
BORREGOS DE PARTOS SIMPLES, DUPLOS E TRIPLOS.....	65
7. ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	66
IV. RESULTADOS E DISCUSÃO.....	68
1. PARÂMETROS REPRODUTIVOS	68
1.1. TAXA DE FERTILIDADE, PROLIFICIDADE E FECUNDIDADE.....	68
1.2. TAXA DE FERTILIDADE APARENTE EM FUNÇÃO DO MACHO UTILIZADO.....	71
1.3. MORTALIDADE AO PARTO, DESMAME E MORTALIDADE TOTAL.....	72
1.4. PRODUTIVIDADE NUMÉRICA E PONDERAL.....	74
2. PESO DOS BORREGOS NASCIDOS.....	76
2.1. PESO AO NASCIMENTO.....	76
2.2. PESO AOS 10 DIAS.....	77
2.3. PESO AOS 15 DIAS.....	77
2.4. PESO AOS 30 DIAS.....	78
2.5. PESO AOS 45 DIAS.....	79
3. PERCENTAGEM DE PARTOS SIMPLES, DUPLOS E TRIPLOS E	
PERCENTAGEM DE BORREGOS NASCIDOS DE PARTOS SIMPLES,	
DUPLOS E TRIPLOS.....	80

4. SEXO DOS BORREGOS	81
5. CONCENTRAÇÃO DOS PARTOS.....	82
6. DURAÇÃO DA GESTAÇÃO.....	83
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
BIBLIOGRAFIA.....	88

RESUMO

Este trabalho de fim de curso, foi realizado na Estação de Ovinicultura do Ribeiro de Freixo durante o ano de 1997.

Neste estudo pretende-se estudar a utilização potencial da inseminação artificial em alternativa à monta natural, bem como a avaliação da dose ideal de PMSG a utilizar, em ovelhas Merino da Beira Baixa.

Foram constituídos 4 grupos de estudo, com 23, 24, 24 e 24 animais, correspondentes ao grupo 1, 2, 3 e 4.

Ao grupo 1 (G1) e grupo 3 (G3) aplicaram-se esponjas impregnadas com 40 mg de FGA associadas a 300 UI de PMSG. Ao grupo 2 (G2) e 4 (G4) aplicaram-se também esponjas, associadas a 400 UI de PMSG. O G1 e G2 foram beneficiados por inseminação artificial enquanto que o G3 e G4 foram sujeitos a monta natural em lotes. O período de experimentação decorreu na época reprodutiva de Primavera.

O esperma utilizado na IA foi recolhido por vagina artificial e electroejaculação e foi usada a técnica de IA cervical.

Nos resultados obtidos não se verificaram diferenças significativas entre grupos nos parâmetros: taxa de fertilidade aparente (TFA) (91,3%, 70,8%, 83,3% e 62,5%); taxa de prolificidade (TP) (114,3%, 123,5%, 160,0% e 126,7%); taxa de fecundidade (TFec) (104,3%, 87,5%, 133,3% e 79,2%); produtividade numérica aos 45 dias (86,9%, 70,8%, 75,0% e 66,7%); produtividade ponderal aos 15 dias (5,90 Kg, 5,93 Kg, 5,52 Kg e 5,53 Kg); aos 30 dias (8,39 Kg, 8,53 Kg, 7,57Kg e 9,02 Kg), aos 45 dias (10,25 Kg, 10,37 Kg, 10,20Kg e 11.33 Kg); no peso dos borregos aos 10 dias (4,68 Kg, 4,26 Kg, 4.02 Kg e 4,62 Kg); no peso dos borregos aos 15 dias (5,39 Kg, 4,95 Kg, 4,64 Kg e 5,38 Kg); no peso dos borregos aos 30 dias (7,59 Kg, 7,11 Kg, 6,33 Kg e 7,43 Kg); no peso dos borregos aos 45 dias (9,74 Kg, 9,15 Kg, 8,49Kg e 9,92 Kg); no sexo dos borregos (54,2%, 42,9%, 50,0% e 42,1% de machos) e na mortalidade ao desmame (13,0%, 10,5%, 28,0% e 11,1%).

Observaram-se diferenças significativas entre grupos nos parâmetros: taxa de fertilidade aparente (TFA) para o 1º cio (13,0% para o grupo 1 vs 54,2% e 45,8% para os grupos 3 e 4); na TFA para o 2º cio (75,0% para o grupo 1 vs 23,1% para o grupo 4), na taxa de fecundidade (TFec) para o 1º cio (21,7% e 37,5% nos grupos 1 e 2 vs 91,7% no grupo 3); na taxa de mortalidade total (16,6%, 19,0% e 15,8% para os grupos 1, 2, 4 ~vs

43,8% para o grupo 3) e no peso dos borregos ao nascimento (2,64 Kg para o grupo 3 vs 3,22 Kg, 3,05Kg e 3,19Kg para os grupos 1,2 e 4).

Os resultados obtidos não aconselham a utilização da IA indiscriminadamente, nem a sincronização de cios, contudo serão de extrema importância em programas de melhoramento genético.